



OFÍDIOS DA AMAZÔNIA

XIX — As espécies de *Oxyrhopus* Wagler, com uma subespécie nova, e *Pseudoboa* Schneider, na Amazônia oriental e Maranhão. (Ophidia : Colubridae).

Oswaldo Rodrigues da Cunha Francisco Paiva do Nascimento

Museu Goeldi

Museu Goeldi

RESUMO: Revisão das espécies e subespécies dos gêneros *Oxyrhopus* e *Pseudoboa*, de ocorrência na Amazônia oriental e Maranhão, com registro e descrição de uma nova subespécie — *Oxyrhopus melanogenys orientalis*. Além desta, que é a mais comum dos gêneros citados, ocorrem ainda: *O. formosus* (Wied), muito rara; *O. petola digitalis* (Reuss), frequente; *O. trigeminus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, pouco comum; *Pseudoboa coronata* Schneider, espécie rara; *P. nigra* (Duméril, Bibron & Duméril), de relativa frequência, e *P. neuviiedi* (Duméril, Bibron & Duméril), espécie rara e mal conhecida. Como Adendo faz-se o registro de *Oxyrhopus rhombifer septentrionalis* Vellard, fora dos limites do trabalho, mas analisada pela ocorrência geográfica.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho os autores abordam as espécies dos gêneros *Oxyrhopus* Wagler e *Pseudoboa* Schneider, que ocorrem na Amazônia oriental (Amapá, Pará) e Maranhão, estudo acrescido com referências a áreas limítrofes. Grande parte da pesquisa é ainda o resultado dos Projetos sobre o leste e sul do Pará e oeste do Maranhão, em especial os dois últimos, desenvolvidos entre 1970 e 1980.

Os gêneros citados foram revistos, sem muita profundidade, em Cunha & Nascimento (1978:117 e 124) quanto aos ofídios do leste do Pará. Para *Oxyrhopus* foi determinada a espécie *trigeminus* incorretamente, pois esta não ocorre no leste do Estado, mas nos cerrados do Maranhão e em outras áreas de vegetação aberta da Amazônia. Neste trabalho os espécimes assim identificados, constituem agora uma subespécie nova (*O. melanogenys orientalis*) própria à região mais oriental da Amazônia brasileira.

Oxyrhopus e *Pseudoboa* são mal conhecidos nesta região do Brasil e não apenas pela complicação que até então permaneceram, o primeiro fundido ao segundo, como principalmente pela deficiência de coleções.

Apesar da tentativa dos autores em esclarecer muitos pontos dúbios relativos às espécies, continuam contudo pequenas lacunas quanto à distribuição geográfica de algumas delas, mais especificamente das que ocorrem ao norte do rio Amazonas (Amapá e Pará). Os problemas acentuam-se mais nas espécies *O. formosus*, *O. trigeminus*, *trigeminus* e *P. neuwiedii*. A primeira forma parece mais complicada, por ser rara e conseqüentemente com coleções deficientes. Pode vir a ser uma espécie politépica ou apenas polimórfica. Os exemplares do Pará e Maranhão representam com certeza uma aproximação à forma típica encontrada na Bahia, mais parecendo indicar uma raça setentrional. Bailey (1970:232) teria se equivocado ao confundir formas afins e assim admitir erroneamente características de subespécies, em parte aclaradas por Hoge *et al.* (1972:227) ao revalidar *O. occipitalis* (Wagler), antes colocada por aquele autor como sinônimo de *formosus*. A segunda espécie *O. trigeminus trigeminus* é por sua vez ainda mal conhecida na Amazônia, devido a coleções deficientes e esparsas. A espécie vive em áreas de vegetação aberta e não em matas. Há possibilidade de existirem subespécies na região como assegura Hoge *et al.* (Id.: 228), em especial na área ocidental. A terceira forma, *P. neuwiedii*, é entre elas a mais mal conhecida, não só quanto ao aspecto geográfico, como no de caracteres mor-

fológicos, também devido a falta de boas coleções. Não ocorre no Pará ao sul do rio Amazonas e nem no Maranhão, pelo menos no momento.

Para detalhes sobre o meio ambiente do leste e sul do Pará e oeste do Maranhão deve-se consultar os trabalhos de Cunha & Nascimento (1978 e 1982). As localidades de coleta com os respectivos espécimes encontram-se arrolados no final do trabalho, enquanto a posição geográfica dos pontos de coleta podem ser localizados nos mapas apresentados nos dois trabalhos de Cunha & Nascimento acima referidos.

Neste trabalho são estudadas as seguintes espécies com o total de 240 exemplares :

<i>O. formosus</i>	9 exemplares
<i>O. melanogenys orientalis</i>	107 exemplares
<i>O. petola digitalis</i>	64 exemplares
<i>O. trigeminus trigeminus</i>	10 exemplares
<i>P. coronata</i>	10 exemplares
<i>P. neuwiedii</i>	2 exemplares
<i>P. nigra</i>	38 exemplares

Família COLUBRIDAE

Oxyrhopus Wagler

Oxyrhopus Wagler, 1830 : 185. Espécie tipo : *Oxyrhopus petola* (Linnaeus, 1758), por restrição ulterior.

Diagnose — Dentes maxilares 11+2 a 14+2, ligeiramente maiores adiante, com o diastema curto. Cabeça distinta do pescoço; olho pequeno ou moderado com a pupila redonda ou ligeiramente vertical; internasais mais curtos que os frontais; nasal normalmente dividido; loreal mais longo que alto; um pré que toca ou não o frontal; em geral 2 postoculares; comumente 2+3 temporais; supralabiais 8/8; infralabiais 9 ou 10, dos quais 4 ou 5 tocam os mentais anteriores. Dorsais normalmente 19-19-17, lisas, com duas fossetas apicais; ventrais 180 a 223; anal inteira, caudais divididas, 59 a 119 em ambos sexos.

Coloração, em algumas espécies, compreendendo bandas negras dispostas em tríades, estreitas ou largas, não envolvendo o ventre, separadas por espaços vermelhos muito estreitos ou muito largos; em outras não há tríades, mas largas bandas negras não envolvendo o ventre, separadas por espaços muito estreitos desiguais. Outras espécies com anéis negros que envolvem o ventre, separados por espaços vermelhos, muito estreitos ou às vezes unidos, na região mediodorsal.

O gênero *Oxyrhopus* forma um grupo relacionado aos gêneros *Clelia* Fitzinger, 1826 e *Pseudoboa* Schneider, 1801. É complexo e no século passado muitos herpetólogos não conseguiram agrupar suas espécies, confundindo-as com outros gêneros, como *Sphenocephalus* Fitzinger, 1843, *Clelia* e em especial *Pseudoboa* já citados. Boulenger (1896: 101) fundiu sob a designação de *Oxyrhopus* o gênero *Pseudoboa*, que foi apoiado por muitos autores no início do século atual. Amaral (1930b:99; 1930c:205) não optando por aquele autor inverteu os nomes e revalidou *Pseudoboa*, fundindo-lhe *Oxyrhopus*. Assim, as espécies permaneceram bastante confusas. Mas, Dunn (1944:196) estudando os ofídios colombianos, articulou uma chave artificial para os gêneros reconhecidos no país, dividindo-os em três grandes grupos. No Grupo 3 separou distintamente *Oxyrhopus*, *Pseudoboa* e *Clelia*. Caracterizou *Pseudoboa* como possuindo subcaudais simples e escamas dorsais em 17 ou 19 filas, enquanto *Oxyrhopus* com subcaudais duplas e escamas dorsais somente em 19 filas, além de outras menores distinções. Roze (1966:194 e 205) acompanhou esta diferenciação para os dois gêneros na Venezuela, acrescentando mais alguns caracteres como a dentição e a conformação dos hemipênis. Por fim, Bailey (1970:234 e 253) caracterizou mais nitidamente os dois gêneros, com chaves elucidativas, reconhecendo para *Oxyrhopus* 5 grupos de espécies e subespécies, além da espécie *formosus* isolada. Apesar disso, o conhecimento do gênero ainda está longe de satisfatório, devido a deficiência de coleções.

Das espécies mais complicadas de *Oxyrhopus* é no momento *O. melanogenys*, que ocorre possivelmente em quase toda a Amazônia hileiana. Ela apresenta extrema variação intrapopulacional e geográfica, quanto ao padrão de cromatismo, inclusive com intergradações. Neste trabalho reconhecemos duas raças distintas separadas por largo hiato geográfico, uma população ocidental e outra oriental. Com certeza existirão outras subespécies intermediárias, difícil de detectar por causa da ausência de coleções suficientes de determinadas regiões amazônicas periféricas e centrais.

A nova subespécie de *melanogenys*, aqui descrita, abraça uma população mais oriental, perfeitamente caracterizada pelo padrão cromático, constituído de bandas negras estreitas, dispostas em tríades, com duas bandas laterais muito estreitas e uma mais larga central, cada uma separada por estreita banda vermelha. O espaço vermelho que separa cada tríade é normalmente duas vezes uma tríade. Este padrão é, com algumas variações, constante em 107 exemplares estudados. Exemplares desta raça, foram erroneamente identificados por Cunha & Nascimento (1978:121) como *O. trigeminus*, embora a verdadeira *O. trigeminus trigeminus* Duméril, Bléron & Duméril esteja bem definida para populações do Maranhão, zona de cerrado. Esta espécie não ocorre no leste do Pará e não tem sido encontrada em área de floresta úmida, mas está agora assinalada nos campos da ilha de Marajó e Território do Amapá.

A raça *O. petola digitalis* (Reuss) está bem caracterizada na região oriental da Amazônia, como a definiu Bailey (1970:233). Por fim temos *O. formosus* (Wied), uma espécie bastante rara nesta parte da Amazônia. Os exemplares estudados assemelham-se muito a forma típica da Bahia, descrita e figurada por Wied. Há possibilidade de que a população do leste do Pará e oeste do Maranhão, venha a constituir uma raça setentrional, devido a variação de colorido e ao número de ventrais e caudais mais elevadas do que aquela.

Fora dos limites geográficos deste nosso trabalho, podemos contudo citar a subespécie *O. rhombifer septentriona-*

Iris Vellard, 1943, representada por um exemplar jovem coletado na barra do rio Tapirapé com o Araguaia, Mato Grosso, 1960. Uma análise do exemplar será feita em Adendo (Vellard, 1943:90).

Chave para as espécies e subespécies de *Oxyrhopus* da Amazônia oriental e Maranhão.

- 1 — Preocular em contacto largo ou curto com o frontal: infralabiais normalmente 10, (5 tocando os mentais anteriores) 2
Preocular separada do frontal por espaço largo ou curto; infralabiais normalmente 9, (4 tocando os mentais anteriores) 6
 - 2 — Bandas negras nos lados e dorso formando triades estreitas ou triades largas 4
 - 3 — Bandas negras nos lados e dorso não formando triades 5
 - 4 — Triades do corpo com duas bandas estreitas e a do centro larga, separadas por espaços vermelhos normalmente mais largos *melanogenys orientalis*
Triades do corpo com bandas idênticas, separadas por espaços vermelhos geralmente mais estreitos *t. trigeminus*
 - 5 — Bandas negras largas, às vezes desiguais, separadas por estreitos espaços vermelhos, às vezes não tocando na região dorsal *petola digitalis*
 - 6 — Bandas negras no dorso e ventre não em triades, mas formando anéis completos, mais largos que os espaços vermelhos, com tendência a melanismo *formosus*
- Oxyrhopus melanogenys orientalis* subsp. nov.**

Sphenocephalus melanogenys Tschudi, 1845 (11): 163. Localidade típica: Peru; Tschudi, 1846: 49. Localidade típica específica: cada como região de Chanchamayo, Peru.

Tachymenis bitorquata Günther, 1872 (9): 19. Localidade típica: Amazonas Peruano.

Oxyrhopus melanogenys: Boulenger, 1896 (3): 105; Bailey, 1970 (1): 232.

Oxyrhopus trigeminus: Cunha & Nascimento, 1978: 121.

Holotipo: nº 5.660, ♂, coletado por Cunha & Nascimento no lugar Santa Rosa, estrada da Vigia, leste do Pará em 18-03-74.

Descrição: Olho mediano, quase a metade do comprimento maior do frontal. Dentes maxilares 14+2. Rostral mais largo que alto, com o ápice bem visível ao cima; nasais divididos; internasais quase a metade do comprimento maiores prefrentais; loreal mais longo que alto; preocular tocando ligeiramente o frontal; 2 postoculares; 8 supralabiais. 4.º e 5.º tocando a órbita; 2+3 temporais de cada lado; 10 infralabiais, 4 em contacto com o primeiro par de mentais, que são um pouco maiores que os posteriores. Escamas dorsais 19-13-17, lisas, com fossetas apicais em cada escama; ventrais 196; anal inteira; caudais 85/85. Comprimento total 821 mm (cabeça 19 mm, corpo e cabeça 632 mm, cauda 189 mm). Hemipênis com a base lisa e o resto com espinhos longos em faces opostas, enquanto nas outras duas faces espinhos curtos, e o sulco espermático bifurcado.

Coloração: Corpo fundamentalmente vermelho, com faixas negras dispostas em triades irregulares em todo o corpo e cauda, excetuando a região ventral. As triades são compostas de duas faixas negras, uma de cada lado, normalmente de meia a uma escama; entre estas faixas, uma outra negra mais larga, com duas, duas e meia a três escamas, variando de triade; a faixa do meio é separada das laterais por uma estria estreita vermelha que abrangê às vezes meia, uma ou duas escamas; as triades às vezes estão com as faixas completas, a maioria estão incompletas com a metade de um e outro lado em posição desigual, intercaladas. Corpo com 10 triades e 7 na cauda, a primeira na área postanal; as quatro últimas triades indefinidas, envolvendo numa só faixa a face superior e inferior, enquanto as três primeiras se esboçam com manchas irregulares na face ventral.

Os largos interespaços vermelhos, com a extremidade das escamas negras, emprestam ao conjunto um aspecto reticulado; a largura dos interespaços regula de duas a três tríades e bem assim as da cauda. As ventrais amarelas, com algumas faixas negras das tríades alcançando suas bordas, e às vezes até o meio. A parte superior da cabeça (rostral, nasais e labiais) negra até os parietais; a borda posterior dos seis primeiros labiais, clara, mas o sétimo e oitavo, claros ou manchados de negro. Na nuca, uma estreita faixa clara irregular de meia a uma escama, seguida por uma faixa negra, larga, de 3 a 7 escamas; outra estreita faixa vermelha de cerca de duas escamas é seguida de uma faixa negra estreita, com uma a duas escamas, formando todas uma tríade incompleta. Parte inferior da cabeça amarela, com o sinfiscal e os 6 primeiros labiais manchados de escuro.

Diagnose dos parátipos: Preocular normalmente 1 de cada lado, mas um exemplar mostra dois de um lado e 1 do outro e mais um outro indivíduo com 2 de cada lado. Sempre 2 postoculares de cada lado. Os temporais são comumente 2+3, mas ocorre raramente 2+2 de cada lado, 1+2 de um lado e 2+3 de outro, um, com 2+2 de um lado e 2+4 de outro, 2+2 de um lado e 2+3, 1+3 de um lado e 2+3 de outro e um exemplar com 2+4. Supralabiais normalmente 8/8; infralabiais 10/10, às vezes 9/9 e 9/10 ou 10/12. Escamas dorsais normalmente 19-19-17, às vezes 19-19-15, 19-19-16, 20-19-17 e 21-19-17. Ventrais, ♂, 188 a 203, caudais 76/76 a 94/94; ♀, ventrais 197 a 213 e caudais 70/70 a 85/85. Dentes maxilares 13+2 em 18 exemplares.

Coloração: Fundamentalmente apresentam o corpo e cauda em tríades negras, que na maioria dos espécimes não envolve o ventre, mas em alguns isso acontece. As tríades negras em geral são muito estreitas, separadas umas das outras por largos espaços vermelhos que variam notavelmente no mesmo indivíduo e dentro da população. Cada espaço vermelho corresponde aproximadamente, desde 1 1/2, 2, 2 1/2, 3, 3 1/2 até 4 1/2 tríades, além de variações intermediárias entre estas medidas. As tríades variam bastante de padrão

e número, conforme o sexo, idade e áreas de ocorrência. No corpo as tríades vão de 7 a 19; 7 a 10 pouco frequente; 11 a 13 muito frequente e 14 a 19 frequente. As tríades negras apresentam faixas que podem variar de largura em cada indivíduo, mas normalmente apresentam-se com duas faixas estreitas laterais e uma bem mais larga no centro, separadas por estreitas listas vermelhas ou claras. Estas faixas estreitas compõem-se de meia a uma escama; as negras laterais envolvem 1/2, 1, 1 1/2, 2, 2 1/2 e 3 escamas, sendo que com mais frequência 1 1/2, 1, 1/2; raramente 3 escamas. A faixa larga central envolve desde 1 1/2, 2, 2 1/2, 3 e 4 escamas negras; maior frequência com 3 escamas, seguida das faixas com 2 e raramente 2 1/2 escamas.

Na cauda as tríades negras nem sempre são completas, muitas vezes indistintas, apresentando algumas uma faixa apenas, em consequência da fusão das três faixas. Vão de 3 a 10 tríades, com mais frequência 5, depois 6 e 4, muito raro 10 tríades (um exemplar).

Região ventral amarelada na maioria dos exemplares, mas em muitos exemplares as tríades negras podem alcançar as bordas das ventrais; em outros envolvem totalmente até 5 ou 6 ventrais, apresentando ainda manchas negras medianas nos espaços entre uma e outra tríade.

A parte superior e lateral da cabeça é sempre negra, seguida geralmente de duas faixas negras nucais separadas todas por estreitas faixas avermelhadas. As faixas negras variam de largura, em cada indivíduo. Escamas mediodorsais desde os parietais até a borda posterior da segunda faixa negra oscilam entre 9 a 13.

Comentários — Esta espécie foi erroneamente identificada por Cunha & Nascimento (1978:121), como *O. trigeminus* Duméril. Bibron & Duméril. Deficiência de material de comparação, levaram os autores a este lapso. A nova subespécie é forma perfeitamente caracterizada e distinta da verdadeira *O. trigeminus*, embora pertençam ao mesmo grupo pela identidade de alguns padrões morfológicos. *O. trigemi-*

nus não ocorre no leste do Pará, mas em outras áreas do Estado e no Maranhão que limita com a hiléia.

Entre 1980 e 81 foi possível comparar as duas espécies, discutir o assunto com o Prof. A. Hoge no Butantan, o qual concordou com a suposição de que a população do leste do Pará e parte do Maranhão devia ser *O. melanogenys*, descrita por Tschudi (1845:163). Porém, tanto o Prof. Hoge quanto o autor Senior acharam que os espécimes das regiões citadas eram bastante característicos para constituir uma subespécie amazônica mais oriental da forma típica.

Para esta análise foram examinados 107 exemplares, dos quais um é o holótipo, coletados no leste e sul do Pará, Santarém e no oeste do Maranhão. Esta subespécie caracteriza-se fundamentalmente pela constância do padrão de colorido disposto em triades negras ao longo do corpo e cauda. Estas triades são distintas das que ocorrem na forma típica *melanogenys*, da região ocidental da Amazônia e em especial de *O. trigeminus*, por apresentarem duas faixas estreitas laterais com uma mais larga no meio, separada de ambas por uma estria avermelhada. Observa-se variações individuais na largura das faixas e das estrias vermelhas. As triades dispõem-se às vezes desigualmente no corpo, na parte mediodorsal. Os espaços vermelhos normalmente apresentam-se muito mais largos que uma triade, equivalendo de uma a três. Dos espécimes conservados no Setor de Herpetologia do Museu Emilio Goeldi, apenas dois exemplares, nº 10.784 coletado no Km 16 da estrada do Acará (ao sul do rio Guamá) e nº 13.678 no sítio Nova Vida, Maranhão, 25 km do rio Gurupi, não apresentam normalmente triades no corpo. O primeiro mostra duas triades no corpo e 5 na cauda, enquanto o segundo nenhuma triade no corpo e 4 na cauda. Este padrão de colorido com ausência total de triades negras no corpo, reflete ainda o padrão da forma *melanogenys melanogenys* das regiões mais ocidentais da Amazônia, como Bolivia, Peru e partes do alto Amazonas brasileiro. Na região oriental do Pará e oeste do Maranhão o padrão normal é o colorido vivo em triades completas no corpo.

O melanismo é típico e gradativamente acentuado em muitos indivíduos, isto é, os espaços vermelhos apresentam as escamas ora menos, ora mais anegradadas, ao ponto de quase não se perceberem as triades. Este melanismo independente de região e de sexo. Observa-se indivíduos melânicos na coleção do leste e sul do Pará, no oeste do Maranhão e no exemplar nº 413 de Santarém.

A variação do melanismo é muito nítida em alguns indivíduos, às vezes alterando o aspecto geral do padrão normal, como acontece nos seguintes exemplares tomados como amostra: nº 5.890, ♀, com 1.074 mm de comprimento total, coletado na Vila Marauá, leste do Pará, em março de 1974, apresenta anéis e manchas negras em grande parte da região ventral; nº 1.559, ♂, com 987 mm de comprimento coletado no sítio Boa Vista, próximo de Castanhal, leste do Pará, 1972 também com o mesmo padrão do anterior; nº 1.392, ♀, com 772 mm de comprimento, coletado em Peixeboi, leste do Pará, 1972 nas mesmas condições; nº 6.080, ♀, com 942 mm de comprimento, coletado em Santa Luzia, Capitão Poço, ao sul do rio Guamá, 1974 com o mesmo aspecto, e por fim o nº 413, ♀, com 512 mm de comprimento, coletado próximo ao igarapé Curupira, área de Santarém, rio Tapajós em 1969, também com o aspecto idêntico.

Esta subespécie é a mais comum das *Oxyrhopus* na região oriental da Amazônia, especialmente Pará (mais especificamente a área leste) e hiléia do Maranhão. Vive de preferência nas áreas úmidas de floresta primária, mas parece ocorrer com mais frequência nas capoeiras antigas da região leste do Pará e bem como em roçados. Parece que é uma das muitas formas que vem se readaptando ao ambiente alterado do leste do Estado, nestes últimos 80 anos, devido a derrubada da primitiva floresta que cobria este espaço desde Belém até o rio Gurupi, entre o Atlântico e o rio Guamá. Ofídios de atividade crepuscular ou noturna, o alimento preferido é constituído em grande parte de pequenos ratos do mato, de lagartos (*Tropidurus torquatus hispidus* (Spix, 1825)) e pequenos marsupiais (*Monodelphis americana* (Müller)).

Oxyrhopus trigeminus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril

Oxyrhopus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (7) : 1013.
Localidade típica : Bahia e Rio de Janeiro; Brasil; Boulenger, 1896 (3) : 104; Bailey, 1970 (1) : 235.

Oxyrhopus trigeminus trigeminus; Hoge & Romano, 1978 : 55.

Diagnose — Dentes maxilares 12+2 ou 11+2. Loreal mais largo que alto; 1 preocular em contacto com o frontal; 2 postoculares; temporais 2+3 ou 2+2; supralabiais 8/8 normalmente, raramente 8/9 dos quais o 4.º e 5.º tocam a órbita, mais raro 4.º, 5.º e 6.º; infralabiais 10/10 em geral, com os primeiros mentais, raramente 4. Escamas dorsais lisas, com duas fossetas apicais, em 19-19-17 filias normalmente, às vezes 21-19-17; ventrais nos machos 180 a 191 e caudais 63 a 73 pares, nas fêmeas 194 a 209 e 59 a 66 pares respectivamente. Comprimento do maior espécime nº 15.572, ♀, coletado no lugar Santa Maria, BR-226, 40 km de Barra do Corda, Maranhão, 870 mm (corpo, 725 mm e cauda 145 mm).

Coloração típica em triades negras, normalmente largas, separadas por espaços avermelhados, em geral tão ou mais estreitos que a largura de uma triade. As bandas negras das triades, mais ou menos de mesma largura, separadas por espaços vermelhos iguais ou um pouco mais estreitos. As triades negras muitas vezes não coincidem na região médio-dorsal, formando ziguezague. No corpo as triades variam de 7 a 10 e na cauda de 3 a 6; o normal parece ser de 8 no corpo e 4 na cauda. Os espaços vermelhos apresentam o ápice das escamas negro, variando de intensidade em cada indivíduo. Em um exemplar adulto da coleção nota-se um esboço de melanismo nos espaços vermelhos. A região ventral geralmente amarelada, sem máculas, mas o maior indivíduo ♀ 15.572 de Santa Maria a 40 km de Barra do Corda, apresenta na parte posterior do corpo pequenas manchas escuras, esparzidas em cada ventral e na borda da intersecção das caudais uma linha escura.

Comentários — Em vista da complexidade do gênero *Oxyrhopus*, Bailey (1970:229-235) judiciosamente reuniu as espécies reconhecidamente válidas, em grupos. Isto significa a existência detectada, porém ainda nem sempre comprovada na maioria dos grupos, de raças geográficas. No grupo *melanogenys* estão *melanogenys* e *trigeminus*. Em ambas espécies já se detectam subespécies caracterizadas. Neste caso, Hoge & Romano (1978:58) reconheceram a raça *O. trigeminus guibei* que se distribui pelo Paraná, S. Paulo e Mato Grosso.

Dos cerrados do Maranhão foram estudados 8 exemplares que se ajustam perfeitamente à raça típica do Nordeste brasileiro conforme os dados de Boulenger (1896:104), Bailey (1970:230), Cordeiro & Hoge (1973:275-276), Hoge et al. (1978:47) e Vanzolini et al. (1980:42). Há um exemplar 16.389 de Curiaú, Amapá, próximo de Macapá, coletado em 1970 que apresenta os mesmos caracteres dos espécimes do Maranhão, assim especificados: dorsais 19-19-17, ventrais 191, caudais 71/71, supralabiais 8/8 e infralabiais 10/10, pré e postocular 1+2, temporais 2+3, 11 triades no corpo e 5 caudais. Comprimento total 540 mm.

A espécie ocorre também na ilha de Marajó, foz do Amazonas, confirmada pelo exemplar nº 3.265, ♂, do lugar S. Joaquim, rio Arari (Ponta de Pedras) extremidade sudeste da ilha, área de campos. Os caracteres do citado espécime são os seguintes: dentes maxilares 12+2; dorsais 19-19-17; supralabiais 8/8; infralabiais 10/10; ventrais 180 e caudais 63/63; pré e postocular 1+2; temporais 2+3; comprimento total 526 mm. Triades, 11 no corpo e 5 na cauda. O que chama atenção neste exemplar é o número baixo de ventrais e caudais no conjunto da coleção estudada, além de algumas variações no aspecto das faixas do corpo, denotando uma população isolada com traços de intergradação com *O. melanogenys orientalis*. Bailey (1970:235) já assinalara a presença da espécie em Marajó.

Em exemplares de *O. melanogenys orientalis* nova subespécie, nota-se que há intergradação com *O. t. trigeminus*, na

região sul do Pará, antiga estrada PA-70, para Marabá e num espécime de Santarém, bem como em outro do rio Fresco. Este exemplar coletado no Posto indígena de Gorotire em 1963, está muito descolorado, mas encontra-se o esboço das triadas assemelhadas tanto a *trigeminus* quanto a *melanogenys*. Intergradação entre estas duas espécies, vem já assinada em Dixon & Soini (1977:65) na região de Iquitos, Peru.

Examinamos em novembro de 1981, um exemplar identificado como *O. trigeminus* no Museu Nacional, proveniente da serra do Ererê, proximidades de Monte Alegre no rio Amazonas, Pará. A região de Ererê apresenta-se revestida por vegetação de savana.

O. t. trigeminus não foi encontrada no leste do Pará, nem ao sul do rio Guaná e nem na hiléia do Maranhão. É aqui substituída por *O. melanogenys orientalis* nova subespécie. Conclui-se que *O. trigeminus trigeminus* é habitante típico de áreas revestidas por vegetação não úmida, como as formações de cerrado, caatinga e campos arbóreos. Alimentam-se de pequenos roedores, mas dois dos espécimes examinados continham cada um, lagartos (*Tropidurus torquatus hispidus* (Spix, 1825)).

***Oxyrhopus petola digitalis* (Reuss)**

Coluber digitalis Reuss, 1834 : 148. Localidade típica : Ilhéus, Bahia, Brasil.

Lycodon (Oxyrhopus) semifasciatus Tschudi, 1845 (11) : 165. Localidade típica : Peru; Tschudi, 1846 : 55, especificada localidade de como região de floresta do médio Peru.

Oxyrhopus immaculatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (7) : 1029.

Localidade típica : desconhecida; Guichenot, 1855 (2) : 64, localidade especificada como Província do Rio de Janeiro, Brasil.

Oxyrhopus petola semifasciatus: Rose, 1955 (1) : 190.
Oxyrhopus petola digitalis: Bailey, 1970 : 233; Dixon & Soini, 1977 (2) : 64; Cunha & Nascimento, 1978 : 119; Duellman, 1978 (65) : 254.

Diagnose: Dentes maxilares 13 a 16, normalmente 14+2. 1 preocular, raramente 2, em geral em largo ou curto con-

tacto com o frontal, variando em cada indivíduo; 2 postoculares; temporais 2+3, muito raro 2+2; supralabiais 8/8; infralabiais 10/10, às vezes 9/9, 10/11 e 11/12, 5 em contacto com os mentais anteriores. Dorsais 19-19-17 usualmente, às vezes 19-19-15, 19-19-16 e 21-19-17, lisas, todas com duas fossetas apicais em cada escama; ventrais, ♂, 195-216, caudais 98/98 — 119/119, ♀, 200-223 e 84/84 — 114/114. Comprimento total do maior espécime, nº 9.466, ♀, Macapazinho, próximo de Castanhal, 1.099 mm (corpo 854 mm e cauda 245 mm).

Coloração variável, mas normalmente consta de bandas negras muito largas e bandas vermelhas muito estreitas; as bandas negras variam de 8 a 13 no corpo (excepcionalmente 16) e 4 a 8 na cauda, que podem alcançar a borda das ventrais; as bandas vermelhas geralmente não se completam na região vertebral, dispostas intercaladamente, porém mais regulares nos indivíduos jovens; as bandas vermelhas apresentam-se quase sempre escurcidas nos espécimes adultos, enquanto nos jovens o vermelho é mais vivo. O ventre é amarelo imaculado nos jovens e na maioria dos adultos, mas alguns destes apresentam manchas escuras na parte mediana. Parte ântero-superior da cabeça negra, interrompida na região nucal por uma banda vermelha. Vários exemplares apresentam gradativo melanismo e em outros totalmente; alguns possuem as bandas vermelhas muito anegradadas, enquanto outros são inteiramente negros, inclusive a banda nucal, como os espécimes nº 15.607 do lugar Gancho do Arari, Maranhão; 15.446 das matas de Utinga, Belém, e 11.851 da estrada Açucareira (Pratinha), Benevides, próximo de Belém.

Comentários — Esta subespécie já foi bem caracterizada por Bailey (1970:233) e por Cunha & Nascimento (1978:119). No presente trabalho foram acrescentados mais dados morfológicos, de coloração, ecológicos e de distribuição geográfica. Foram 23 machos, 40 fêmeas e um indivíduo indefinido no total de 64 espécimes. Os exemplares procedem do leste e sul do Pará (como o lugar Jarbas Passarinho, margem es-

querda do rio Araguaia, rodovia Transamazônica), e região oeste do Maranhão. Em vida estes ofídios apresentam viva coloração negra com as bandas vermelhas. É espécie bem diferenciada das *Oxyrhopus* aqui analisadas e por isso é fácil sua identificação. Ocorrem variações individuais no cromatismo, isto é, na disposição das bandas negras e vermelhas. Quanto às ventrais há um macho, nº 15.726 de Nova Vida, Maranhão com 220 ventrais que extrapola a amplitude máxima computada. Este espécime extra não foi válido para o cômputo das ventrais nos machos.

A distribuição geográfica desta subespécie parece ser bastante ampla, como informa Bailey (1970:233). Ocorre na região oriental da Amazônia ao sul do rio Amazonas e no Maranhão; sul da Venezuela (Roze, 1955:190; 1966:196) e partes ocidentais da Amazônia brasileira (Hoge *et al.*, 1972:227); Peru norte oriental (Dixon & Soini, 1977:64), e Equador oriental (Duellman, 1978:254). A subespécie típica *O. petola petola* (Linnaeus, 1758) estende-se pelo Amapá, segundo Hoge (1967:221); norte da Venezuela (Roze, 1966:194); Guiana, ex-inglesa (Beebe, 1946:37) e com certeza as duas outras Guianas, embora Gasc & Rodrigues (1980:583) não tenham identificado dois exemplares da Guiana Francesa.

Esta subespécie apresenta tendência ao melanismo como já foi assinalado em Bailey (*ibid.*) e Cunha & Nascimento (*ibid.*). Tais exemplares negros têm dado motivo a erros de identificação como ocorreu com *Oxyrhopus immaculatus* descrita por Duméril, Bibron & Duméril em 1854 e algum tempo depois corroborado por Guichenot (1855:64). Boulenger (1896:101) foi o primeiro a reconhecer os espécimes melânicos como variação individual de *O. petola*, na análise da coloração assinalada na letra C.

Ultimamente, o número de exemplares triplicou em nossas coleções e em vista disso podemos agora acrescentar que esta espécie é de relativa frequência nas áreas estudadas. Vive de preferência no solo úmido da mata primária, capoeiras e roçados. No Maranhão tem sido coletada em áreas de babaçuais e outros locais de vegetação baixa e

secundária. Possui hábitos noturnos ou crepusculares, alimentando-se preferentemente de pequenos ratos do mato. O exemplar nº 6.089 continha no estômago fragmentos de pequenos ovos de aves de cor azulada.

Oxyrhopus formosus (Wied)

Coluber formosus Wied, 1820 (1) : 109. Localidade típica: Lagoa da Arara, rio Mucuri, Bahia, Brasil; Wied, 1825 (1) : 381; Boulenger, 1896 (3) : 106; Bailey, 1970 : 232; Cunha & Nascimento, 1978 : 117.

Oxyrhopus leucocephalus Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (7) : 1038. Localidade típica : desconhecida.

Clelia peruviana Griffin, 1916 (7) : 204. Localidade típica : Tarma, Peru.

Oxyrhopus tridescens Werner, 1926 : 248. Localidade típica : Huan-cabamba, Peru.

Diagnose — Dentes maxilares 11+2 nasal, meio dividido, às vezes dividido; 1 preocular separado do frontal; 2 postoculares, raramente 3; temporais 2+3; supralabiais 8/8, dos quais o 4.º e 5.º tocam o olho; infralabiais normalmente 9/9, raramente 10/10, dos quais 4, raramente 5, em contacto com o primeiro par de mentais. Escamas dorsais em 19-19-17, às vezes 19-19-19 e 19-19-16, lisas, com duas fossetas apicais em cada escama, mas imperceptíveis em alguns indivíduos jovens; ventrais, ♂, 191-194, caudais 19/79 — 83/83 e, ♀, 196-206, caudais 64/64 — 72/72. Comprimento total do maior espécime nº 10.097, ♀, de Colônia Nova, BR-316, Pará, próximo ao rio Gurupi, 847 mm (700 mm de corpo e 147 mm de cauda).

Uma descrição pormenorizada do colorido nos indivíduos adultos foi apresentado em Cunha & Nascimento (1978:118). Acrescenta-se que, os anéis negros que envolvem o ventre variam de 14 a 19 no corpo e 4 a 8 na cauda; o normal parece ser 17 no corpo e 5 na cauda. O melanismo é quase comum, mas acentua-se nitidamente em certos indivíduos, como no espécime 5.866 ♀ de Macapazinho, próximo de Castanhal, em que a porção anterior do corpo é toda negra e no res-

tante ainda percebem-se 9 anéis na parte lateral. Os indivíduos jovens apresentam os anéis negros muito nítidos e simétricos, mais largos no dorso, porém separados aí pelo anel vermelho estreito.

Comentários — Esta espécie é muito rara em qualquer região onde tem sido assinalada. Em 10 anos de coleta intensivas, conseguimos até o momento obter 9 exemplares, dos quais 5 jovens ou muito jovens. Foi ampliada a área de ocorrência da espécie ao sul do Pará e hileia do Maranhão. Tem sido encontrada quase que exclusivamente em mata primária, mas encontra-se também em vegetação secundária antiga, umbrosa e úmida (capoeiras).

Devido a raridade de *O. formosus* e conseqüente pobreza em coleções, tem sido difícil definir a variação geográfica da espécie. Bailey (1970:232) havia feito a advertência de que a espécie é um complexo de formas. Faltam contudo elementos suficientes para esta comprovação. Pelos dados já obtidos, a população oriental do Pará e oeste do Maranhão, parecem indicar uma aproximação mais patente com a típica forma da Bahia, figurada por Wied (1822/1831), contudo podemos perceber certas variações quanto ao número de ventrais, caudais e disposição do padrão cromático. Os espécimes amazônicos apresentam ventrais e caudais mais elevadas (191 a 206 e 64 a 83 respectivamente), enquanto as do leste do Brasil, segundo Boulenger (1896:106) vão de 182 a 203 ventrais e 51 a 73 caudais pares. Mas, a maior diferenciação parece ocorrer no colorido (anéis negros e vermelhos). Os exemplares amazônicos (Pará e Maranhão) apresentam menor número de anéis negros no corpo e geralmente idênticos, anterior e posteriormente. Em novembro de 1981 examinamos no Museu Nacional, dois exemplares, nºs 1.923 e 1.924 coletados em Ilhéus, Bahia, que apresentam anéis negros largos anteriormente e do meio do corpo para a cauda estreitam-se mais, com os espaços vermelhos mais largos e o ápice das escamas negros. Deve ser este o padrão cromático da forma típica da Bahia, conforme observa-se em Abildungen de Wied (1822/1831).

A ocorrência de *O. formosus* está assinalada na Guiana Francesa segundo Gasc & Rodrigues (1980:582), os quais indicam dados merísticos de um macho e uma fêmea, com ventrais de 176 a 191 e caudais 68 a 78 ainda mais baixos que os do Pará e Maranhão e leste do Brasil. Seria a população guianense também uma raça geográfica?

O melanismo quase constante nos indivíduos adultos amazônicos (alguns deles mais acentuado), parece já indicar diferirem um pouco mais da forma típica do leste brasileiro.

Bailey (1970:232) refere que indivíduos maduros originários da bacia Amazônica e Colômbia tendem a perder as bandas negras e assemelham-se a *O. melanogenys*. Os espécimes do Pará e Maranhão não apresentam semelhança alguma com *O. melanogenys orientalis* nova subespécie. Assim a população das regiões mais ocidentais da Amazônia se constituiriam uma outra raça geográfica. Isto se configura pelo fato de que *O. formosus* foi pelo menos descrita três vezes, só no Peru segundo Bailey (ibid.) como *O. submarginatus* Peters, 1871, *O. peruviana* Griffin, 1916 e *O. iridescens* Werner, 1926. Bailey (ibid.) admitia na sinonímia de *O. formosus*, um nome então mal definido, *Natrix occipitalis* Wagler, 1824, uma forma originária do rio Solimões (alto Amazonas, Brasil), equivocado por ausência de coleções, pois Hoge et al (1972:227) revalidaram a mesma como *C. occipitalis* (Wagler) sobre dois espécimes de lauretê, Amazonas.

Nenhum dos espécimes estudados aqui apresentou conteúdo estomacal ou intestinal para conferir a dieta alimentar.

***Pseudoboa* Schneider**

Pseudoboa Schneider, 1801 (2) : 286. Espécie tipo: *Pseudoboa coronata* Schneider.

Diagnose — Dentes maxilares 12+2 a 13+2 de igual tamanho, exceto os dois últimos, separados pelo diastema; cabeça distinta do pescoço; olho pequeno com pupila vertical; rostral proeminente mas pouco saliente sobre os escudos

adjacentes; internasais mais curtos que os prefrontais; nasal dividido; loreal curto ou longo; 1 pré e 2 postoculares constantes; temporais normalmente 2+2 ou 2+3 com variações; supralabiais 7/7 ou 8/8; infralabiais normalmente 8/8, dos quais 4 ou às vezes 5 tocam os mentais anteriores. Dorsais em 21-19-17, 19-19-17 ou 17-17-17 (17-17-15), com duas fossas apicais; ventrais 180 a 210; anal inteira; caudais inteiras, 75 a 106 em ambos sexos.

Coloração variável nos jovens e adultos. Em geral o padrão é uniforme, desprovido de bandas, faixas ou anéis. Em algumas espécies apresenta-se uniformemente avermelhado corallíneo, anegrado ou negro e pardacento a sépia com tonalidade vermelha. Cabeça em geral negra, às vezes com esboço de faixa clara nucal. Os jovens apresentam-se quase sempre avermelhados no corpo, porção anterior da cabeça negra, com uma faixa branca nucal, seguida de uma faixa negra occipital que se estende ao pescoço. Face ventral amarelada, com a cauda idêntica ou com manchas escuras na base das escamas.

O gênero *Pseudoboa* é afim de *Oxyrhopus* e também de *Clelia*. Boulenger (1896:101) fundiu o primeiro em *Oxyrhopus* não reconhecendo o taxon de Schneider. Autores subsequentes apoiaram ou discordaram deste status, como Stejneger (1901:189). Porém, antes de Boulenger, os autores da *Erpétologie des Reptiles*, Duméril, Bibron & Duméril (1854:996) revalidaram o gênero *Scytale* Boie, para reunir as duas espécies então conhecidas, *coronatum* e *Neuwiedii*. Esta posição não foi reconhecida.

Amaral (1925:20; 1930b:99; 1930c:205; 1937:132; 1949:156; 1976:144-152) seguiu estritamente o status de Gomes (1918:72-73) que reconheceu apenas *Pseudoboa*, englobando *Clelia* e *Oxyrhopus*, o que já havia sido rejeitado pelos taxonomistas em ofiologia nos últimos 45 anos. Os trabalhos básicos para a posição taxonômica destes três gêneros e mais os afins *Siphophis*, *Tripanurgos* e *Phimophis*, teve início com Bailey que influenciou Dunn (1944:188 e 196), conforme esclarece este. Seguiu esta orientação Roze (1952:

108; 1966:205) que baseou a definição de *Pseudoboa* principalmente pelos dentes maxilares, hemipênis e caudais. Este autor assinala que o hemipênis é distintamente bifurcado, com a porção distal apresentando uma reticulação de cálices formando uma estrutura capitada. Acrescenta ainda que a "bifurcación del *sulcus spermaticus* empieza en una tercera porción proximal y cada rama en una de las bifurcaciones del hemipene mismo, y se termina en la punta distal, donde se terminam también los cálices". (Id.: 1966:205).

No presente trabalho acompanhamos de perto as notas e o status de *Pseudoboa* apresentados por Bailey (1970:253). Este autor reconheceu apenas quatro espécies (*coronata*, *haasi*, *neuwiedii* e *nigra*) englobadas em dois grupos (*coronata* e *neuwiedii*) até o momento admitidos. Na Amazônia ocorrem *coronata*, *neuwiedii* e *nigra*. A distribuição geográfica destas espécies não é contínua mas bastante incerta ainda na Amazônia oriental, em grande parte alicerçada por deficiência de coletas. Assim, temos *coronata* ocorrendo raramente no leste e sul do Pará e floresta da hiléia do Maranhão; *neuwiedii* também muito rara no Pará ocidental, Amapá, Roraima e possivelmente no Amazonas; *nigra* é a mais frequente do gênero, ocorrendo na hiléia e cerrados do Maranhão e matas e áreas de vegetação aberta do sul do Pará, não existindo no leste deste Estado.

Chave para as espécies de *Pseudoboa* da região oriental da Amazônia e Maranhão.

- 1 — Escamas dorsais em 17 filas no meio do corpo 2
- 2 — Escamas dorsais em 19 filas no meio do corpo 3
- 3 — Supralabiais 7 4
- 4 — Supralabiais 8 5
- 5 — Corpo avermelhado e cabeça negra *coronata*
- 6 — Loreal curto, mais largo na porção posterior; rostral elevado e saliente em relação aos escudos adjacentes 6
- 7 — Loreal longo com as bordas retas; rostral não tão proeminente ou saliente em relação aos escudos adjacentes 7

- 6 — Corpo e cabeça normalmente negros ou anegrados; excepcionalmente com grandes manchas brancas no corpo, às vezes aneladas. *nigra*
- 7 — Corpo e cabeça com coloração mais constante; pardacento ou sépia a avermelhado, aparecendo muitas vezes um esboço de faixa nugal clara *neuwiedii*

***Pseudoboa coronata* Schneider**

Pseudoboa coronata Schneider, 1801 (2) : 286. Localidade típica: não designada.

Scytale coronata Wied, 1822/31 (fig.).

Scytale coronatum Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (7) : 909; Guichenot, 1855 : 59.

Pseudoboa coronata Cope, 1860 : 260; Amaral, 1930b : 99; Amaral, 1930c : 205; Amaral, 1937 : 132; Beebe, 1946 : 38; Roze, 1966 : 206; Bailey, 1970 : 253; Dixon & Soini, 1977 : 66; Cunha & Nascimento, 1978 : 124; Gasc & Rodrigues, 1980 : 584.

Diagnose — Dentes maxilares 13+2; olho pequeno; rostral mais largo que alto, arredondado, projetando-se um pouco sobre os internasais, com ápice obtuso; nasal dividido; lo-real mais longo que alto; 1 preocular pequeno; postoculares normalmente 2, muito raro 1; temporais 2+2 usualmente poucas vezes 1+2 e raramente 1+1; supralabiais em geral 7/7, às vezes 7/8, normalmente o 3º e 4º tocando o olho; infralabiais normalmente 8/8, muito raro 7/8, dos quais usualmente 4 em contacto com os mentais anteriores, raramente 5. Escamas dorsais lisas em 17-17-17, às vezes 17-17-15, com duas fossetas apicais em cada escama; ventrais, ♂, 182-186, caudais 81-100; ♀, 186-198 e 82-87 respectivamente. Comprimento total do maior espécime fêmea nº 15.713 de Nova Vida, BR-316, próximo ao rio Gurupi, Maranhão, 945 mm (cabeça-corpo 750 mm, cauda 195 mm).

A coloração é variável de acordo com a idade do indivíduo. No adulto vivo, apresenta-se de vermelho a um tom sépia, tendendo às vezes ao pardacento, lateralmente mais

claro. Cabeça, nuca e parte anterior do pescoço, ora mais ora menos anegrados, mostrando em alguns indivíduos ainda não completamente adultos um esboço de faixa amarelada transverso-nugal na porção occipital. Ventre amarelo esbranquiçado. Nos jovens o corpo é de um avermelhado claro, aparecendo no occipício a nítida faixa amarelada. As vezes ocorrem, tanto no jovem como no adulto, máculas anegradas, grandes ou pequenas, dispersas no dorso.

Comentários — Esta espécie foi bem caracterizada, embora de modo sucinto, por Schneider (1801:286), sem referir procedência. Apesar desse laconismo, a espécie foi depois figurada por Wied (1822/31) em exemplares das matas do rio Doce, Espírito Santo. Duméril, Bibron & Duméril (1854:999 e 1001) colocaram *coronata* e *neuwiedii* sob o revalidado gênero *Scytale* de vaga caracterização. A primeira forma foi subbordnada à sinonímia de *neuwiedii*, enquanto *Natrix occipitalis* não podia ser forma de *Pseudoboa* pelo simples fato de possuir caudais duplas bem figuradas por Wagler (1824:2. 1. est. 6 fig. 2). A designação *N. occipitalis* Wagler, foi revalidada por Hoge *et al.* (1972:227) como *Oxyrhopus occipitalis*, de Iauareté, Amazonas.

Jan & Sordelli (1870) na Iconographie des Ophidiens (Livr. 34, pr. 5, fig. 3, 4), figuraram dois exemplares de *coronata*, talvez um adulto e um jovem, mostrando um esboço da faixa clara nugal. Em Boulenger (1896:111) *coronata* está bem caracterizada, tanto nas variações merísticas quanto no colorido, obtidas em exemplares de Surinam, Pará e Rio de Janeiro.

Importantes observações sobre esta espécie são feitas por Beebe (1946:38) em dois exemplares da antiga Guiana britânica e um da Venezuela (Caripito), informando o autor sobre a raridade da mesma. Beebe manteve a designação genérica dada por Schneider, bem como Hoge (1964:61) identificando um exemplar do Surinam. Roze (1966:206) seguindo a mesma orientação, aponta dados de foliose e colorido, e complementa com a distribuição da espécie na Venezuela

região litorânea do delta do Orinoco e zona limítrofe a Guiana.

Por fim Bailey (1970:233) apresenta o *status* do gênero *Pseudoboa*, com dois grupos dos quais *coronata* englobando as formas *coronata* e *haasi* (Boettger, 1905). Com seus caracteres definidos, o autor distribui a espécie pelas Guianas, bacia Amazônica do Brasil, Colômbia, Equador Peru e Bolívia. Não citou Venezuela. Hoge *et al.* (1972:228) identificam a espécie para o alto rio Negro (rio Uaupés). Dixon & Soini (1977:66) apresentam dados para 7 exemplares coletados na região de Iquitos, Peru. Os caracteres foliódóticos e de coloração são semelhantes aos do Pará, embora estes autores afirmem a ausência de fossetas apicais, discordando assim das informações já obtidas antes e por nós (Cunha & Nascimento, 1978:124). Neste trabalho já havíamos feito uma dignose de *coronata* em 5 espécimes, 4 do leste do Pará e um do Maranhão, com comentários do gênero e da espécie. No presente trabalho a diagnose foi confirmada e ampliada a área de ocorrência no Pará e Maranhão. No Equador, a espécie é confirmada por Duellman (1978:255) que cita observações de cor e outros dados, para 7 exemplares.

Apesar das intensas coletas efetuadas no leste e sul do Pará e Maranhão, *P. coronata* continua sendo espécie muito rara. Todos os autores citados confirmam este fenômeno. A que se atribuiria esta raridade populacional?

No leste do Pará ocorre apenas *coronata* muito rara. No gênero portanto não há competidores. O mais próximo é *Oxyrhopus*, que, com duas espécies comuns poderiam constituir competidores sérios, como *O. melanogenys orientalis* e *O. petola digitalis*. Tanto *coronata* quanto as duas últimas espécies ocorrem na mesma área, mesmo habitat e alimentam-se das mesmas presas, isto é, pequenos roedores e lagartos. Neste caso podemos perceber a influência de vários fatores extrínsecos (fator ambiental, interferência competitiva de outras espécies) e intrínsecos (mecanismos genéticos que influem na taxa de fecundidade e longevidade, controlando o aumento da população).

A espécie vive tanto em área de vegetação secundária (capoeiras antigas ou recentes) e mata primária do Pará e oeste do Maranhão. Parece alimentar-se preferencialmente de pequenos roedores (ratos do mato), mas caça também lagartos (*Ameiva ameiva* (Linnaeus), *Mabuya bisstrata* (Spix), *Neusticurus bicarinatus* (Linnaeus)).

Pseudoboa nigra (Duméril, Bibron & Duméril)

Scytale newwedtii var. *Nigrum*. Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (77) : 1002. Localidade típica : Bahia, Brasil.

Pseudoboa albimaculata Mello, 1926 (19) : 129. Localidade típica : Minas Gerais, Brasil.

Pseudoboa nigra Bailey, 1962 (19) : 168; Bailey, 1970 : 254; Cordelero & Hoge, 1973 : 277; Vanzolini *et al.* 1980 : 47.

Diagnose — Dentes maxilares normalmente 12+2, às vezes 13+2; olho pequeno; nasal dividido; rostral mais largo que alto, não arredondado, projetando-se fortemente sobre os nasais e internasais, muito visível de cima; internasais menores que os prefrontais; frontal um pouco mais comprimidos que os prefrontais; frontais um pouco mais comprimidos que largo, menor que os parietais; loreal mais longo que alto com a porção posterior mais larga; 1 pré e 2 postoculares; temporais normalmente 2+3, às vezes 2+2 e raramente 2+4; supralabiais usualmente 8/8, raramente 9/9, 4º e 5º tocando o olho; infralabiais 8/8, às vezes 8/9 e 9/9, dos quais 4 geralmente, às vezes 5, tocando o primeiro par de mentais, que se apresenta tão longo ou mais curto que o 2º par. Escamas dorsais lisas com duas fossetas apicais em 21-19-17, 19-19-17 e às vezes 20-19-17. Ventrals, ♂, 192 a 206, caudais 92 e 106; ♀, 198 a 209 e 75 a 100 respectivamente. Comprimido do maior macho, coletado em Santa Maria, BR-226, próximo de Barra do Corda, Maranhão, nº 16.136, com 1.048 mm (corpo 773 mm e cauda 275 mm); fêmea de Nova Vida, 25 km do rio Gurupi, Maranhão, n.º 10.856, com 1.318 mm (corpo 1.020 e cauda 298 mm).

No adulto normalmente o colorido apresenta-se anegrado tendendo ao pardo no dorso e lados, estendendo-se até às bordas das ventrais, em geral mais claro nas duas últimas filias de escamas; cabeça com o mesmo aspecto do dorso e os supraorbitais amarelados; região ventral amarelo imaculado; cauda, idêntica ao corpo na parte superior, ao passo que a parte inferior é pardo na confluência da superposição das escamas, tornando-se mais escuras para a extremidade. Cada escama caudal é mais escura na base, esmaecendo na parte distal.

Nos jovens a coloração difere dos adultos com o seguinte padrão: parte ântero-superior da cabeça negra até a borda posterior do olho, estendendo-se daí ao frontal e bordas internas dos parietais; uma larga faixa branca desde a parte inferior, passando pelos postoculares, temporais, parietais e 5 a 7 escamas nucais; pescoço negro abrangendo cerca de 21 escamas; corpo pardacento que varia do claro ao escuro, muito mais acentuado na faixa vertebral e paravertebral; região ventral amarelada sem manchas; cauda amarelada na parte basal, ligeiramente pardacento para a parte posterior.

Na coleção existem 5 exemplares que se caracterizam pela presença de várias marcas ou bandas brancas grandes, irregulares e espaçadas nos lados e dorso do corpo e cauda, entremeadas por outras pequenas marcas brancas mais irregulares ainda. O fundamental do corpo e cabeça é negro como o normal da espécie. Região ventral amarelada.

Comentários — Ao contrário da afirmativa de Bailey (1970:254), de que *P. nigra* se estende até o leste do Pará, podemos discordar, pois, a espécie não ocorre no leste do Estado e nem imediatamente ao sul do rio Guamá, aparecendo às proximidades de Marabá, no rio Tocantins (mais exatamente Km 198 da PA-332, antiga PA-70) e daí mais para o sul no lugar Jarbas Passarinho, rio Araguaia, rodovia Transamazônica, onde foram coletados espécimes. Mas a oeste o autor Senior coletou em 1969 no topo da chamada serra Norte (serra dos Carajás), entre os rios Itacalúnas e Parauapebas,

um exemplar jovem desta espécie. Tendo o rio Gurupi, como barreira, já no Maranhão, *P. nigra* encontrase com certa frequência, desde o lugar Nova Vida, rodovia BR-316, em área de floresta hileiana, até o interior dos babaquais e cerrados do Estado, entre Grajaú e Barra do Corda.

É importante observar a área de ocorrência da espécie, tanto em ambiente de floresta primária (hileia) como cerrados, babaquais e vegetação xerófila como a que se encontrava na ocasião (hoje não mais existe, devido a exploração de minério de ferro, fazendo parte do "Projeto Carajás") cobrindo o platô da Serra Norte do sul do Pará. Do Maranhão a espécie estende-se em grande parte da região xerofítica do Nordeste do país, como atestam Cordeiro & Hoge (1973:277) para Pernambuco, Lima Verde (1976:48) para a chapada do Apodi, entre Ceará e Rio Grande do Norte e Vanzolini *et al.* (1980:47) para as caatingas de Estados dessa área.

Admitida como variedade *Nigrum* de *Scytale newwedii* por Duméril, Bibron & Duméril (1854:1002), logo ficou despercebida, apesar de uma referência de Guichenot (1855:60) às três variedades apontadas pelos autores acima. Mello (1926:129) foi o primeiro a encontrar caracteres de diferenciação entre *nigra* e *newwedii*, mas considerou a primeira uma nova forma sob a designação *P. albimaculata*, tendo por base um exemplar de Minas Gerais. Esta forma apresentava como característica a variação de colorido, consistindo na presença de grandes marcas ou bandas brancas irregulares pelo corpo.

Amaral (1930a:36) não percebendo a importância parcial das observações de Mello resolveu criticar o valor sistemático de várias formas de ofídios neotrópicos limitando-se a considerar *albimaculata* estrito sinônimo de *newwedii*, tal como vem fazendo até hoje (Id.: 1978:152) inclusive figurando um bonito exemplar de *nigra* (variação *albimaculata*). Bailey (1962:168) revalidou a variedade *Nigrum* como espécie distinta de *newwedii*, reforçada depois pelo mesmo autor

como *Pseudoboa nigra* (Id.: 1970:234). Posteriormente autores como Cordeiro & Hoge (1973:277), Vanzolini *et al.* (1980:47) já reconhecem a existência da espécie.

Esta forma não sendo comum, aparece porém com frequência no Maranhão. No sul do Pará, mostra-se rara, conforme indicam nossas coletas.

Os dados que compilamos, parecem indicar variações nas escamas ventrais e caudais, entre populações dos cerrados e matas do Pará e Maranhão, e as das caatingas nordestinas (ventrais mais elevadas e caudais mais baixas para esta região) como mostram Cordeiro & Hoge *ibid.* e Vanzolini *et al.* (*ibid.*). Dois espécimes machos, um do sul do Pará (porto Jarbas Passarinho) e outro do Maranhão (Santa Maria próximo de Barra do Corda) apresentam 210 ventrais, portanto acima das fêmeas que é 209. Estes indivíduos não entram no cômputo da análise métrica.

Na hiléia do Maranhão, pelo menos até o momento, *P. coronata* e *P. nigra* coexistem, como provam exemplares de ambas espécies coletados no lugar Nova Vida, rodovia BR-316, 25 km do rio Gurupi (2 de *nigra* e 3 de *coronata*).

P. nigra possui hábitos mais diversificados que *P. coronata*, ao adaptar-se a ambientes úmidos, semi-úmidos e secos, como é o caso de florestas, cerrados e caatingas, respectivamente. Ofídios essencialmente terrestres, alimentam-se preferentemente de lagartos (*Ameiva ameiva ameiva* (Linnaeus), *Kentropyx calcaratus* Spix, *Tropidurus torquatus hispidus* (Spix) e às vezes de ofídios (*Tantilla melanocephala melanocephala* (Linnaeus))), conforme demonstra a análise do conteúdo estomacal e observações de Vanzolini *et al.* (1980:48).

Pseudoboa newwiedii (Duméril, Bibron & Duméril)

Scytale newwiedii Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (7): 1001. Localidade típica: Cumaná e arredores, Venezuela e Brasil.

Pseudoboa newwiedii: Cope, 1860: 260.

Cryptopus newwiedii: Boulenger (partim), 1896: 112.

Pseudoboa newwiedii: Stejneger, 1901: 189; Amaral, 1930b: 100; Amaral, 1930c: 207; Schmidt, 1932: 163; Amaral, 1937: 134; Beebe, 1946: 39; Bailey, 1970: 234; Gasc & Rodrigues, 1980: 584.

Pseudoboa newwiedii newwiedii: Shreve, 1947: 533; Roze, 1952: 103; Roze, 1966: 207.

Diagnose — Olho pequeno; focinho obtuso, projetando-se pouco sobre o maxilar; rostral mais largo que alto, um tanto rombudo e projetando-se pouco sobre os nasais e internasais; internasais muito mais curtos que os prefrontais; frontal mais longo que largo e menor que os parietais; nasais divididos; loreal mais longo que alto com as bordas superior e inferior horizontais; 1 preocular e 2 postoculares com o superior um pouco maior; temporais 2+3 ou 2+2 de um lado e 2+3 de outro; supralabiais 8/8, 3.º, 4.º e 5º tocando o olho; 8/8 infralabiais, 4 em contacto com o primeiro par de mentais, mais curtos que o par posterior; primeiro par de infralabial muito largo na parte posterior. Escamas dorsais lisas em 19-19-17 com duas fossetas apicais; ventrais 180-183; caudais 82-83.

Os dois exemplares aqui estudados são ainda muito jovens e assim o colorido apresenta-se do seguinte modo: corpo uniformemente avermelhado, com ausência de manchas escuras; cabeça na parte superior abrangendo até os postoculares e grande parte dos parietais; uma faixa branca occipital que envolve até 5 escamas e os temporais; em seguida uma faixa negra no pescoço, indivisa, envolvendo até 6 a 7 escamas na face vertebral; ventre uniformemente amarelado.

Comentários — Esta espécie ocorre muito restritamente em algumas áreas da Amazônia oriental, e em outras não existe, como no leste e sul do Pará e oeste do Maranhão. Ocorre no Amapá, onde encontramos um exemplar muito jovem. As coletas ofiológicas neste Território têm sido esporasas e não intensivas, o que implica para esta deficiência Hoge (1967:222) referiu aí a ocorrência de *P. newwiedii*. Para servir de comparação incluímos neste trabalho um outro exemplar, também jovem, coletado na Fazenda Bom Intento

em 1970, na região de Boa Vista, Território de Roraima, assinalado por Cunha & Nascimento (1980:13).

Esta espécie vem sendo confundida por autores subseqüentes a descrição de Duméril, Bibron & Duméril (1854:100), como *P. nigra* e também sob outras designações, genéricas e específicas. Boulenger (1896:112) como já foi citado antes, incluiu todas as *Pseudoboa* sob o gênero *Oxyrhopus* e absorvendo a forma *nigra* como simples variação individual de *neuwiedii*.

A espécie foi originalmente descrita em indivíduos provenientes da Venezuela, sem local definido. Recentemente Hoge & Lancini (1960:61) restringiram a localidade típica, através de lectótipo, à cidade de Cumaná e seus arredores (Estado Sucre, Venezuela).

A distribuição geográfica de *P. neuwiedii* ainda não se acha delimitada, nem razoavelmente, devido talvez a sua freqüência baixa chegando mesmo à raridade. Contudo, na Amazônia e regiões limítrofes, ocorre com certeza absoluta no Amapá e Roraima; Guiana Francesa (Gasc & Rodrigues, 1980:584); Guiana (ex-inglesa), segundo Beebe (1946:39); Surinam (Bailey, 1970:254); Venezuela (Schmidt, 1932:163; Parker, 1935:528; Shreve, 1947:533; Roze, 1966:207); Colômbia (Dunn, 1944:202).

A D E N D O

***Oxyrhopus rhombifer septentrionalis* Vellard**

Oxyrhopus rhombifer septentrionalis Vellard, 1943: 89. Localidade típica: Campos de Vilhena, norte de Mato Grosso (hoje sul do Estado de Rondônia).

Pseudoboa rhombifera; Hoge, 1952a: 103; Hoge, 1952b: 219.

Oxyrhopus rhombifer septentrionalis; Bailey, 1970: 235.

Diagnose — Dentes maxilares 12+2; olho pequeno com pupila vertical; rostral mais largo que alto, projetando-se sobre os internasais com o focinho arredondado; nasal dividido;

internasais menores que os prefrontais; loreal mais longo que alto; 1 preocular grande em contato com o frontal; 2 postoculares, superior maior; temporais 2+2; supralabiais 8/8, 4.º e 5.º tocando o olho; infralabiais 9/10 em um exemplar, 4/5 tocando o primeiro par de mentais. Escamas dorsais em 19-19-17, lisas, com duas fossetas apicais em cada escama; ventrais 181, subcaudais 70/70. Comprimento total, 344 mm (corpo 277 mm, cauda 67 mm).

Corpo com grandes manchas dorsais pardacentas, romboidais a ovais, irregulares na parte anterior e mais estreitas e pontudas na região látero-abdominal. Estas manchas em número de 20 no corpo, apenas alcançam com as bordas as paraventrais. Cabeça com a parte ântero-superior pardacenta, envolvendo mais da metade dos parietais, seguida por uma faixa vermelha nugal; supralabiais claros. Cauda com 10 manchas pardas estreitadas. Os espaços dispostos entre as manchas escuras são avermelhados em vida ou esbranquiçados no líquido conservador, com o ápice das escamas anegrados.

Comentários — Esta subespécie foi descrita por Vellard (1943:89) que capturou um espécime nos campos de Vilhena, antigo Estado de Mato Grosso, hoje no espaço do Estado de Rondônia. Segundo Bailey (1970:235) esta raça se distribui pelo norte de Mato Grosso, Rondônia, Goiás e alcança a Amazônia, no Pará até Santarém, entre os rios Tapajós e Amazonas. Hoge (1952a:193) e Hoge (id. b.219) identificou *Pseudoboa rhombifera* (= *Oxyrhopus rhombifer septentrionalis*) no lugar Santa Izabel, ilha do Bananal, Goiás e Xavantina, rio das Mortes, Mato Grosso.

Nas coleções do setor de Herpetologia do Museu Emílio Goeldi, encontra-se um exemplar de Iauareté, rio Uaupés, Amazonas, nº 16, ♀, coletado por José Hildasi em 1960, que se identifica com *O. rhombifer septentrionalis* em todos os caracteres. Esta procedência pode ser duvidosa, pois seria aparentemente difícil a ocorrência da espécie quase na fronteira da Venezuela e Colômbia. Entretanto não se pode alienar esta distribuição geográfica descontínua, porque ainda

persiste muita deficiência de coletas herpetológicas em toda a Amazônia, em especial na porção ocidental e além disto já existem casos comprovados de espécies com ampla distribuição de ocorrência como é o caso de *Uromacerina ricardini* (Peracca, 1897) no leste do Pará, conforme Cunha & Nascimento (1982), *Drepanoides anomalous* (Jan, 1863), *Liophis purpurans* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854), *Rhadinaea occipitalis* (Jan, 1863) no leste do Pará (Cunha & Nascimento 1978) e por fim o lagarto *Colobosaura landii* Cunha, 1977 (= *C. modesta* (Reinhardt & Lutken, 1862) de acordo com Cunha (1977) e Cunha & Nascimento (1982:6), também encontrado no leste do Pará.

A diagnose do espécime de lauretê é a seguinte :

Dorsais 19-19-17; Ventrais 189; caudais 61/61 + ?; supralabiais 8/8, 4.º e 5.º tocando o olho; infralabiais 10/10, 5 tocando os mentais anteriores, 1 pré e 2 postoculares; temporais 2+3; nasal dividido; loreal mais longo que alto. Comprimento total 539 mm (corpo 442 mm, cauda 97 mm). Corpo com 20 marcas pardacentas grandes, romboidais, maiores anteriormente e muito estreitas na parte posterior; cauda com 11 bandas estreitas.

LISTA DOS ESPÉCIMES ESTUDADOS (*)

Oxyrhopus melanogenys orientalis (Paratipos)

Pará

Belém, 109 ♀, 6.849 ♂; Santa Bárbara, Benevides, estrada do Mosqueteiro, 720 ♀; Igarapé-Açu, PA-242, 949 ♂; Km 23 da estrada de Maracanã, PA-127, 1.588 ♀, 2.790 ♀, 2.792 ♀, 4.083 ♀, 4.085 ♂, 5.821 ♀, 5.823 ♀, 5.843 ♀, 2.791 ♂; Fazenda Real, Limondeua, Viséu, 1.027 ♂, 3.747 ♀, 2.318 ♀, 2.319 ♀, 792 ♀ 1.783 ♀, 4.484 ♀, 2.317 ♂, 6.627 ♂, 3.748 ♀, 2.316 ♂; Santa Rosa, PA-140, estrada da Vigia, 3.999 ♂, 4.638 ♂, 4.690 ♀, 9.249 ♀, 6.877 ♂, 6.995 ♀, 7.490 ♀,

7.526 ♀, 8.485 ♀, 9.249 ♀, 9.204 ♀, 3.930 ♂, 4.632 ♂, 6.994 ♀, 5.678 ♂, 6.804 ♀; Peixe-Boi, PA-242, 1.392 ♀, 3.908 ♀, 4.605 ♀; Santa Luzia, 15 Km de Capitão Poço, 4.949 ♂, 6.080 ♀; Parada Bom Jesus, 11 Km para Bragança, 5.078 ♂, 6.249 ♀, 7.853 ♂, 7.880 ♀, 8.253 ♂; Km 74 da BR-316, 10.848 ♀; rio Piridá, PA-242, estrada de Viséu, 10.897 ♀; Santo Antonio do Tauá, PA-140, estrada da Vigia, 2.393 ♀, 6.959 ♂; Bela Vista, 75 Km de Bragança, PA-242, 2.287 ♂, 5.989 ♀, 7.696 ♂, 3.710 ♂, 13.154 ♂, 13.155 ♀; Vila Marauá, estrada de Curuçá, 5.890 ♀, 4.897 ♂, 4.880 ♂; rio Apeú, próximo de Castanhal, 2.020 ♂, 1.569 ♀; Trombetinha, estrada de Salmópolis, 7.075 ♀, 3.246 ♂, 3.481 ♂, 4.147 ♂; Fazenda Caccoal, 27 Km de Bragança, ramal da PA-242, 10.001 ♀, 8.460 ♂, 10.725 ♀, 665 ♂, 10.728 ♂, 5.341 ♀, 2.563 ♂, 5.364 ♀, 5.378 ♀, 6.492 ♂, 6.659 ♀, 9.089 ♀, 9.091 ♀, 10.721 ♂; Ilha do Mosqueteiro, Belém, 12.767 ♂; Colônia Nova, Km 264, BR-316, 13.760 ♂, 14.031 ♀; Km 16 da estrada do Acaará, 5.752 ♂, 10.734 ♂, 9.374 ♀; Km 11 da estrada PA-332, antiga PA-70, 7.469 ♂, 9.479 ♂, 14.525 ♂; rio Pirajaurara, Km 34 da PA-252, na estrada do Acaará, 10.813 ♀; Sítio Bela Vista, Km 135, PA-332, antiga PA-70, 10.822 ♀, 12.139 ♀; Porto Jarbas Passarinho, Transamazônica, margem esquerda do rio Araguaia, 11.781 ♂; 12.955 ♂; Santarém, 413 ♀.

Maranhão

São Raimundo, BR-316, 8 Km de Santa Inês, 10.878 ♀; Nova Vida, BR-316, 25 Km do rio Gurupi, 11.142 ♀, 12.095 ♂, 13.678 ♀, 13.726 ♂, 15.770 ♀; Paruá, BR-316, 11.177 ♀, 13.654 ♀.

Oxyrhopus formosus

Pará

Santo Antonio do Tauá, estrada da Vigia, 4.724 ♀; Macapazinho, rio Apeú, próximo de Castanhal, 5.866 ♀; Colônia Nova Vida, Km 284, BR-316, próximo do rio Gurupi, 10.097 ♀; Bela Vista, PA-242, 75 Km de Bragança, 10.098 ♀; Km 72 da PA-332, antiga PA-70, 10.092 ♂; Km 16 da PA-252, estrada do Acaará, 8.722 ♂, 13.371 ♀; Santa Luzia, PA-253, 15 Km de Capitão Poço, 9.719 ♂.

Maranhão

Sítio Nova Vida, 25 Km do rio Gurupi, 12.718 ♀.

(*) — Para detalhes de localização, consultar os mapas apresentados em Cunha & Nascimento (1978 e 1982).

O. petola digitalis

Pará

Belém, 15.452 ♀, 15.446 ♀, 364 ♂, 165 ♂, 166 ♂, 292 ♀; Ananidêua, BR-316, próximo de Belém, 76 ♂; 78 ; S. João da Prati-ruba, Benevides, 11.851 ♀, 16.435 ♀, 16.436 ♀; Macapazinho, rio Apeú, próximo de Castanhal, 9.466 ♀, 13.270 ♀; Genipauiba, Benevides, 6.018 ♀; Santa Bárbara, estrada de Mosqueiro, Benevides, 852 ♀, 829 ♀; Boa Vista, rio Apeú, próximo de Castanhal, 2.680 ♂, 2.681 ♀; Igarapé-Açu, PA-242, 955 ♀; Km 23 da estrada de Maracaná, PA-127, 1.908 ♀, 4.081 ♂; Trombeteinha, estrada de Salinópolis, PA-334, 1.976 ♂; Fazenda Cacoal, ramal da PA-242, 27 Km de Bragança, 1.087 ♂; Parada Bom Jesus, 11 Km para Bragança, 4.399 ♀; Santa Luzia, PA-253, 15 Km distante de Capitão Poço, 5.089 ♀, 7.239 ♂, 8.794 ♀, 6.089 ♀, 8.793 ♀; Santa Rosa, estrada da Vigia, 9.312 ♂; Bela Vista, PA-242, 75 Km de Bragança, estrada de Viséu, 7.676 ♀; Boca Nova, rio Guamá, 18 Km de Capitão Poço, 2.150 ♂; Puraguquara, ramal da PA-124, estrada de Limão Grande, Ourém, 7.012 ♀; Colônia Nova, Km 264 da BR-316, próximo do rio Gurupi, 11.491 ♀, Km 74 da BR-316 (atual Km 224), 10.852 ♀; Curupati, rio Piridá, PA-242, estrada de Viséu, 15.987 ♀; Km 16 da estrada do Acará, PA-252, 11.677; Porto Jarbas Passarinho, rio Araguaia, BR-230, Transamazônica, 11.770 ♀; Km 130 da estrada PA-256 entre Tomé-Açu e Paragominas, 8.022 ♂.

Maranhão

Lugar Nova Vida, BR-316, 25 Km do rio Gurupi, 15.726 ♂, 15.771 ♀, 16.248 ♂, 12.271 ♂, 14.777 ♀, 14.402 ♂, 13.677 ♀, 15.295 ♀, 15.294 ♀, 15.293 ♀, 11.058 ♀; Posto N. S. de Nazaré, Vitória do Mearim, BR-222, 16.094 ♂; Gancho do Arari, BR-222, entre Miranda e Arari, 15.612 ♂, 15.618 ♂, 15.634 ♂, 15.607 ♀, 14.324 ♀; Puraqueú, BR-222, entre Vitória do Mearim e Sta. Inês, 15.420 ♂, 15.265 ♂, 15.020 ♀; 15.249 ♀; Paruá, BR-316, 13.647 ♂.

O. trigeminus trigeminus

Amapá

Curiaú, norte de Macapá, entre a BR-156 e o litoral, 16.389 ♂.

Maranhão

Lugar Santa Maria, BR-226, entre Grajaú e Barra do Corda, 15.232 ♂, 15.574 ♂, 15.584 ♀, 15.575 ♀, 15.572 ♀, 16.138 ♀; Aldeia Sapucaia, reserva dos índios Guajajara, BR-226, 60 Km de Barra do Corda, 15.565 ♀; Lago do Rodrigues, ao sul de Bacabal, 15.425 ♀.

Pará

Lugar S. Joaquim, rio Arari, região de Ponta de Pedras, sudeste da ilha de Marajó, 3.265 ♂.

O. rhombifer septentrionalis

Amazonas

Iauareté, rio Uaupés, 16 ♀.

Mato Grosso

Barra do Tapirapé, com o Araguaia, 188 ♂.

Pseudoboa coronata

Pará

Santa Bárbara, estrada do Mosqueiro, 8.433 ♂, 610 ♀; Ilha do Mosqueiro, 1.525 ♀; Boa Vista, rio Apeú, próximo de Castanhal, 5.570 ♂; Km 74 antigo, atual 224 da BR-316, 1.020 ♀; Km 16 da PA-252, para o Acará, 8.698 ♀; arredores de Belém, 6.847 ♂.

Maranhão

Lugar Nova Vida, BR-316, 25 Km do Gurupi, 10.211 ♀, 16.235 ♂, 15.713 ♀.

P. newiedtii

Roraima

Fazenda Bom Intento, região de Boa Vista, 502 ♀.

Amapá

Macapá, 92 ♂.

P. nigra

Pará

Serra dos Carajás (Serra Norte), 82 ♀; Porto Jarbas Passarinho, rio Araguaia, Transamazônica, 12.950 ♂, 11.767 ♀, 12.746 ♂, 15.159 ♀, 15.213 ♂; Km 11 da antiga PA-70, hoje Km 198 da PA-332, 9.488 ♀.

Maranhão

Lugar Gancho do Arari, BR-222, entre Miranda e Arari, 14.614 ♀, 14.313 ♂, 14.332 ♀, 13.502 ♀, 14.796 ♂, 15.426 ♂, 15.606 ♀, 15.608 ♀, 15.605 ♀, 16.165 ♀, 15.632 ♀, 15.613 ♂; Puraqueú, BR-222 entre Vitória do Mearim e Sta. Inês, 16.182 ♀, 14.701 ♂, 14.658 ♀, 15.667 ♂, 15.668 ♀, 15.669 ♀, 14.541 ♂, 15.247 ♀, 15.427 ♀; São Raimundo, BR-316, próximo a Sta. Inês, 10.866 ♀; Santa Maria, BR-226, entre Grajaú e Barra do Corda, 15.581 ♂, 16.139 ♀, 16.140 ♂, 15.579 ♀; Aldeia Sapucaia, reserva dos índios Guaajajara, BR-226, 16.128 ♂; Nova Vida, BR-316, 25 Km do Gurupi, 16.203 ♀, 10.856 ♀; Km 170 da BR-226 entre Grajaú e Barra do Corda, 15.217 ♂.

AGRADECIMENTOS

Os autores desejam agradecer a Antônio Pinheiro, fotógrafo do Departamento de Botânica do Museu e ao pesquisador Inocêncio Gorayeb pelas fotos apresentadas; ao pesquisador, William Overal, entomólogo do Museu, pelo resumo em inglês e ao Auxíliar do Setor de Herpetologia, Reinaldo Justo de Moraes pelo serviço datilográfico. Somos gratos também ao Dr. Alphonse Hoge(*), do Instituto Butantan, pelas

(*) — No decorrer da impressão deste trabalho os autores tiveram conhecimento do falecimento do Prof. Alphonse Richard Hoge, ocorrido em S. Paulo no dia 25 de dezembro de 1982. O Prof. Hoge muito estimado no Brasil e no exterior, exercia a chefia da Divisão de Biologia do Instituto Butantan e o responsável direto pela Seção de Ofiologia desse Instituto. Era também Bolsista do CNPq. Nos últimos cinco anos esteve intimamente relacionado com as pesquisas desenvolvidas no Setor de Herpetologia do Museu Emílio Goeldi. Os autores lamentam a perda irreparável deste insigne pesquisador no campo da ofiologia brasileira.

gentilezas dispensadas ao autor Senior durante visitas ao citado Instituto, em especial nos anos de 1980, 1981 e 1982, discutindo inclusive questões taxonômicas do presente trabalho.

SUMMARY

This paper is a revision of the species and subspecies of the genera *Oxyrhopus* and *Pseudoboa* of the eastern Amazon Basin and of the adjoining State of Maranhão, Brazil. The new subspecies *Oxyrhopus melarogenys orientalis* is recorded and described. In addition to this form which is the most common species of the two cited genera, the following species were found: *O. formosus* (Wied), very rare; *O. petola digitalis* (Reuss), common; *O. trigeminus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, less common; *Pseudoboa coronata* Schneider, rare; *P. nigra* (Duméril, Bibron & Duméril), relatively common; and *P. neuwiedii* (Duméril, Bibron & Duméril), rare and poorly known. As an addendum to this work, *Oxyrhopus rhombifer septentrionalis* Vellard, is reported from localities outside of the geographical limits of the study.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Afrânio do
 1925 — *Ophídios de Mato Grosso (Contribuição II para o conhecimento dos ophídios do Brasil)*. São Paulo, Melhoramentos. 29 p. II. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, Publicação 84. Anexo 5: História Natural; Zoologia).
- 1930a — Estudos sobre ophídios neotrópicos. XVII — Valor Sistemático de várias formas de ophídios Neotrópicos. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 4: 1-68 (1929).
- 1930b — Contribuição ao conhecimento dos ophídios do Brasil. IV — Lista remissiva dos ophídios do Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 4: 71-125 (1929).

- 1930c — Estudos sobre ophídios neotrópicos. XVIII. Lista remissiva dos ophídios da região neotrópica. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 4 : 128-271 (1929).
- 1937 — Contribuição ao conhecimento dos ophídios do Brasil. VIII. Lista remissiva dos ophídios do Brasil. 2ª ed. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 10 : 87-162. I-XIX.
- 1949 — Ofídios do Pará. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 10 : 149-159.
- 1978 — Serpentes do Brasil. *Iconografia Colorida*. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos; EDUSP. 247 p. 582 grav.
- BAILEY, Joseph R.
- 1962 — *Lystrophis* Cope, 1885 (Reptilia); proposed validation under the plenary powers, Z.N. (S.) 1484. *Bull. Zool. Nomencl.*, 19 (3) : 164-169.
- 1970 — *Orythopus* Wagler. In: PETERS, James A. & ORE-JAS-MIRANDA, Bráulio. Catalogue of the neotropical Squamata. Part I: Snakes. *B. U. S. Nat. Mus. Washington*. 297 : 229-235.
- *Pseudoboa* Schneider. In: PETERS, James A. & ORE-JAS-MIRANDA, Bráulio. Catalogue of the neotropical Squamata. Part I: Snakes. *B. U. S. Nat. Mus. Washington*. 297 : 253-254.
- BEEBE, William
- 1946 — Field notes on the Snakes of Kartabo, British Guiana and Caripito, Venezuela. *Zoologica*, Chicago, 31 (1-4) : 11-52. fig. 1-63.
- BOULENGER, Georger A.
- 1896 — Catalogue of the Snakes in the British Museum (*Natural History*). London, v. 3. 727 p. 25 pls.
- COPE, E. D.
- 1860 — Catalogue of the Colubridae in the Museum of the Academy of Natural Sciences in Philadelphia, with notes and descriptions of new species, Part 2. *Proc. Acad. Nat. Sci.*, Philadelphia, 241-266 (1861).
- CORDEIRO, Carmen I. & HOGGE, Alphonse R.
- 1973 — Contribuição ao conhecimento das serpentes do Estado de Pernambuco. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 37 : 261-290.
- CUNHA, Osvaldo R. da
- 1977 — Lacerthios da Amazônia. VI — Uma nova espécie de lagarto (*Colobosaura landii*) da região Leste do Pará. (Lacerthia: Teiidae). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*: N. Ser., Zool. Belém, 87. 31 p. il.
- CUNHA, Osvaldo R. da & NASCIMENTO, Francisco P. do
- 1978 — Ofídios da Amazônia. X — As cobras da região leste do Pará. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 31. 218 p. il. mapa.
- 1982 — Ofídios da Amazônia. XIV — As espécies de *Micrurus*, *Bothrops*, *Lachesis* e *Crotalus* do Sul do Pará e Oeste do Maranhão, incluindo áreas de cerrado deste Estado. (Ophidia: Elapidae e Viperidae). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi* N. Ser., Zool., Belém, 112. 58 p. il.
- 1982 — Ofídios da Amazônia. XVI — A espécie *Tromacerrina ricardini* (Peracca, 1897) na Amazônia Oriental (Leste do Pará) (Ophidia: Colubridae). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. Ser., Zool., Belém, 113. 9 p. il.
- DIXON, James & SOINI, Pekka
- 1977 — The reptiles of the Upper Amazon Basin, Iquitos region, Peru, II. Crocodylians, Turtles and Snakes. *Contrib. Biol. Geol. Milwaukee Publ. Mus.* 12. 91 p. il.
- DUELLIMAN, William E.
- 1978 — The Biology of an Equatorial Herpetofauna in Amazonian Ecuador. *Misc. Publ. Univ. Kansas*, 65 : 1-352. il. mapas.
- DUMÉRII, André M. C.; BIBRON, G.; DUMÉRII, A.
- 1854 — *Érpetologie générale ou Histoire Naturelle complète des reptiles*. Paris. p. XII. 781-1586. (Livr. Encyclopédique de Roret 7 (2)).
- DUNN, Emmet R.
- 1944 — Los generos de anfibios y reptiles de Colombia. III. Reptiles. Orden de las serpientes. *Caldasia*, Bogotá, 3 : 155-224.
- GASC, Jean-Pierre & RODRIGUES, M. T.
- 1980 — Liste préliminaire des serpents de la Guyane Française. *B. Mus. Nat. Hist. Natur.*, Paris, 2 (2) : 559-598. 1 mapa.
- GOMES, João F.
- 1918 — Contribuição para o conhecimento dos ophídios do Brasil. III. 1 — Ophídios do Museu Paraense. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 1 (1) : 57-77.
- GRIFFIN, L. E.
- 1916 — A catalog of the ophidia from South America at present (June, 1916) contained in the Carnegie Museum, with descriptions of some new species. *Mem. Carnegie Mus.*, Pittsburgh, 7 (3) : 163-277, pl. 28.

- GUICHÉNOT, A.
1855 — *Animaux nouveaux ou rares recueillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Pará, exécuté par ordre du Gouvernement français pendant les années 1843 à 1847, sous la direction du Comte Francis de Castelnau*. Paris, P. Bertrand T. 2. Reptiles. 95 p. 18 pls.
- GÜNTHER, Albert
1872 — Seventh account of new species of snakes in the collection of the British Museum. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, 14 (9) : 13-37.
- HOGGE, Alphonse R.
1952a — Notas Herpetológicas. Primeira contribuição ao conhecimento dos ofídios do Brasil Central. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 24 (2) : 179-214. 12 figs. 1 mapa.
1952b — Notas Herpetológicas. Segunda contribuição ao conhecimento dos ofídios do Brasil Central. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 24 (2) : 215-227. 1 mapa.
1964 — Serpentes da Fundação "Surinaam Museum". *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 30 : 51-61. (1960/62).
1967 — Serpentes do Território Federal do Amapá. In: SIMPÓSIO SOBRE A BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA, Belém, 1966. Atas... Rio de Janeiro, CNPq, 1967. 5 : Zoologia. p. 217-223.
- HOGGE, Alphonse R. & LANCINI, Abdem R. V.
1960 — Notas sobre la Ubicación de la tierra típica de varias especies de "serpientes" colectadas por M. Beauperrhuis en la "Cote Ferme" y en la "Province de Venezuela". *B. Mus. Ci. Nat.*, Caracas, 6-7 : 58-62.
- HOGGE, Alphonse R. & ROMANO, Sylvia L.
1978 — Description of a new subspecies of *Oryzophis Wagler*. (Serpentes: Colubridae). *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 40/41 : 55-62. 6 figs.
- HOGGE, Alphonse R.; ROMANO, S. A. R.; CORDEIRO, Carmem L.
1978 — Contribuição ao conhecimento das serpentes do Maranhão, Brasil. (Serpentes: Boiidae, Colubridae e Viperidae). *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 40/41 : 37-52. 1 mapa.
- HOGGE, Alphonse R.; SANTOS, Newton P.; HEITTOR, C.; LOPES, L. A.; SOUZA, I. M.
1972 — Serpentes coletadas pelo Projeto Rondon VII em Iaré, Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 36 : 221-233.
- JAN, Georges & SORDELLI, Ferdinand
1860-1861 — *Iconographie générale des ophidiens*. Milan, v. 1-3.
- LIMA VERDE, José S.
1976 — Fisiocologia e etologia de algumas serpentes da Chapada do Apodi, Estado do Ceará e Rio Grande do Norte (Brasil), *Caatinga*, Mossoró, 1 (1) : 21-56.
- MELLO, O.
1926 — Contribuição para o conhecimento dos ofídios brasileiros. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 19(1) : 127-130. pls. 27-29. (English translation pp. 133-137).
- PARKER, H. W.
1935 — The frogs, lizards and snakes of British Guiana. *Proc. Zool. Soc. London*, 505-530.
- REUSS, A.
1834 — Zoologische Miscellen. Reptilien. *Ophidier*. *Mus.*, Senckenberg. 1 : 129-162, pls. 7-9.
- ROZE, Jánis A.
1952 — Colección de reptiles del Professor Scorza, de Venezuela. *Acta Biol. Venezuel.* (1 (5) : 93-114.
1955 — Ofídios coleccionados por la expedición Franco-Venezolano al alto Orinoco, 1951-1952. *Bol. Mus. Cienc. Nat.*, Caracas, 1 (3-4) : 179-195. figs.
1966 — La taxonomía y zoogeografía de los ofídios en Venezuela. Caracas, Bibl. Centr. Univ. Centr. Venezuela, 362 p. II.
- SCHMIDT, Karl P.
1932 — Reptiles and Amphibians of the Mandel Venezuelan Expedition. Publ. 309. *Field. Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.*, 18 (7) : 159-163.
- SCHNEIDER, G.
1801 — *Historiae amphibiorum naturalis et literariae, fasciculus secundus continens Crocodilos, Scincoos, Chamaescurras, Boas, Pseudoboas, Elapes, Angues, Amphibiaevarnas et Caecilius*. VI + 374 pp. Jena : Fried. Frommann.
- SHREVE, Benjamin
1947 — On Venezuelan reptiles and amphibians collected by Dr. H. G. Kugler. *Bull. Mus. Comp. Zool.* 99 (5) : 517-537.
- STEJNEGER, L.
1901 — An annotated list of batrachians and reptiles collected in the vicinity of La Guaira, Venezuela, with description of two new species of snakes. *Proc. U.S. Nat. Mus.*, Washington, 24 : 179-192.

TSCHUDI, J. J. Von

1845 — Reptilium conspectus quae in Republica Peruana reperitur et pleraque observata vel collecta sunt in itinere a Dr. J. D. de Tschudi. *Arch. Naturg.*, 11 (1): 150-170.

1846 — Untersuchung über die Fauna Peruana. *Herpetologie*, 80 pp., 12 pls. St. Gallen: Scheitlin und Zoolkoffer.

VANZOLINI, Paulo Emilio; RAMOS-COSTA, Ana Maria M.; VITTI, Laurie J.

1980 — *Répteis das Caatingas*. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Ciências. 161 p., 40 est.

VELLARD, J.

1943 — Una nueva forma de "*Oryrhopus*", "*O. rhombifer septentrionalis*". *Acta Zool. Lilloana*, 1: 89-91.

WAGLER, J.

1824 — *Serpentum brasiliensium species novae ou Histoire Naturelle des espèces nouvelles de serpents, recueillies et observées pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil dans les années 1817, 1818, 1819, 1920, exécuté par ordre de Sa Majesté le Roi de Bavière, publiée par Jean de Spix,, écrite d'après les notes du voyageur par Jean Wagler*. Monachii, Franc. Seraph. Hübschmann. vii + 79 26 pls.

1830 — *Natürliches System der Amphibien, mit vorangehender Classification der Säugethiere und Voegel*. vi + 354 pp., 9 pls. München, Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta.

WERNER, Franz

1926 — Neue oder wenig bekannte Schlangen aus dem Wiener naturhistorischen Staatmuseum (3. Teil). Sitzungsber. *Ak. Wiss. Wien*, (Abt. 1) 135: 243-257.

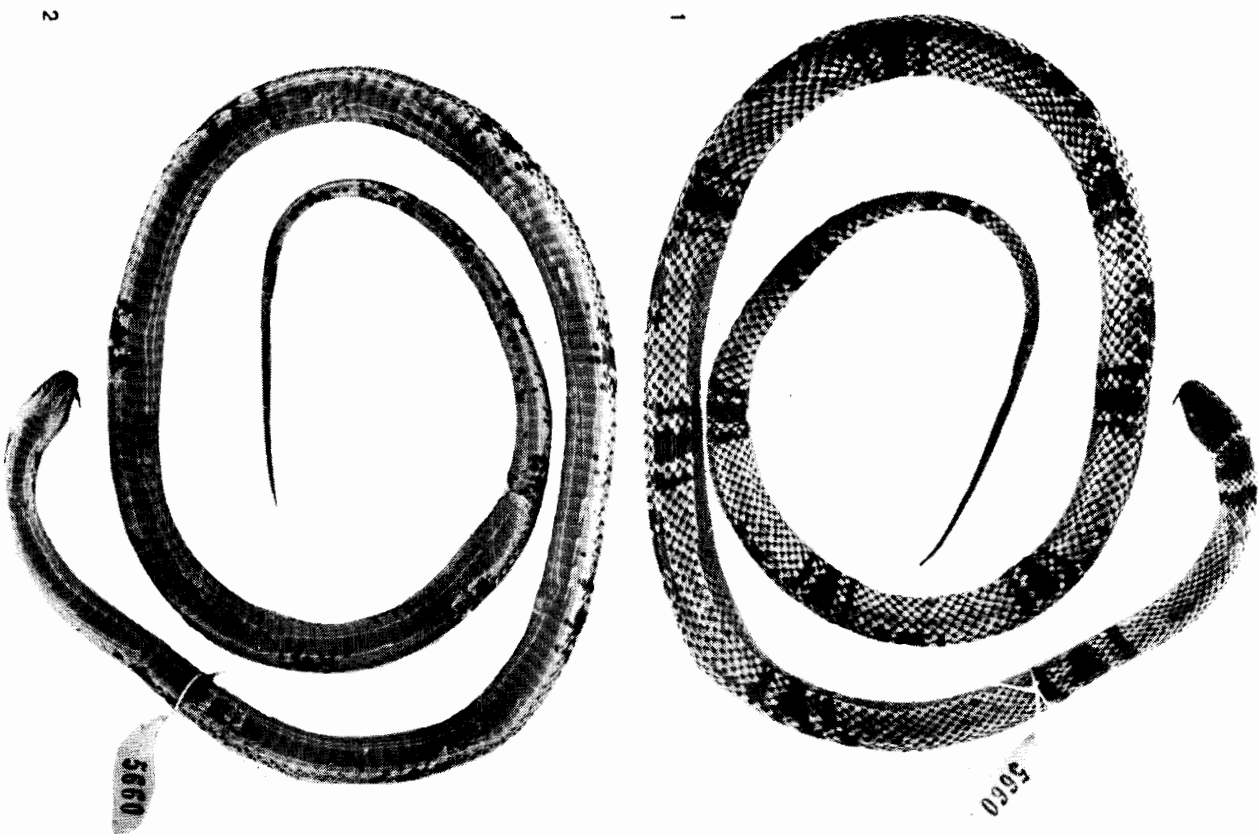
WIED-NEUWIED, Maximilian, Prinz Zu

1820 — Ueber die Cobra Coral oder Cobra Coraes der brasilianer. *Novu Acta Acad. Leop. Carol*, 10 (1): 105-110. 1 pl.

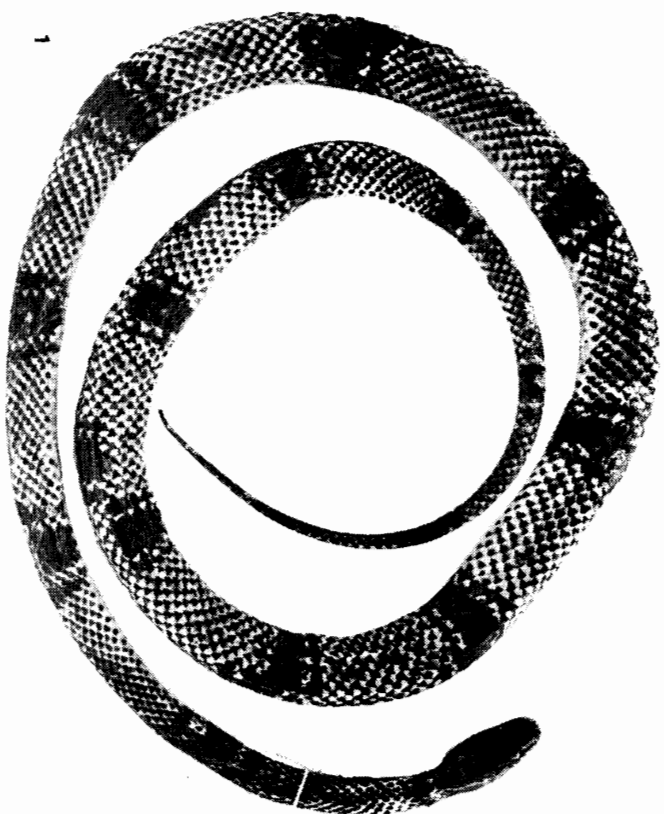
1822/21 — *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens*. Weimar. 90 pls.

1825 — *Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien*. Volume 1. Weimar Gr. H. S. priv. Landes-Industrie Comptoirs. XXII + 600 p. e est. (1825-1833).

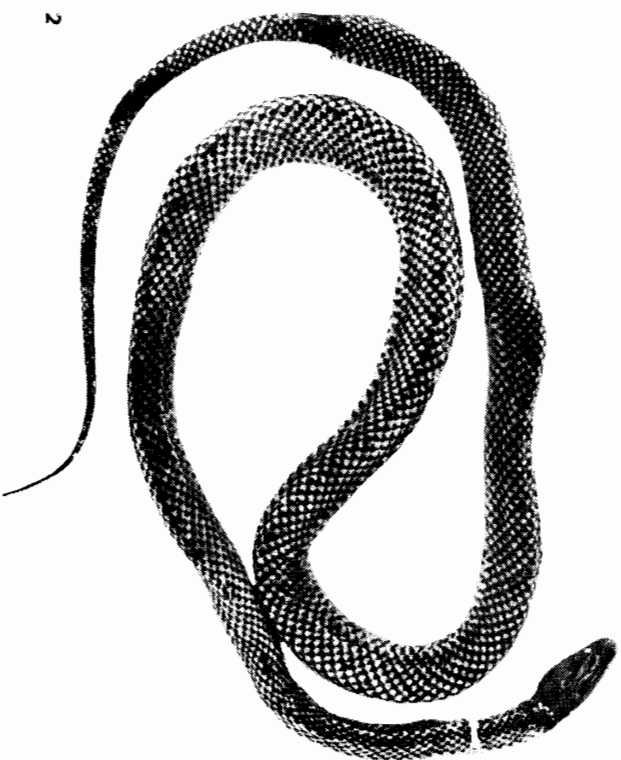
(Aceito para publicação em 14/12/82)



Est. 1 — 1 — Holótipo de *Oryrhopus melanogenys orientalis* ssp. nov.
2 — Face ventral do mesmo exemplar.



7526

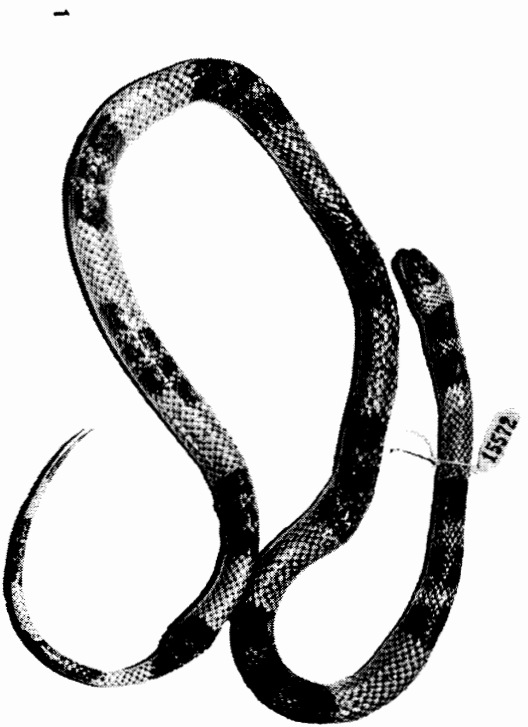


13678

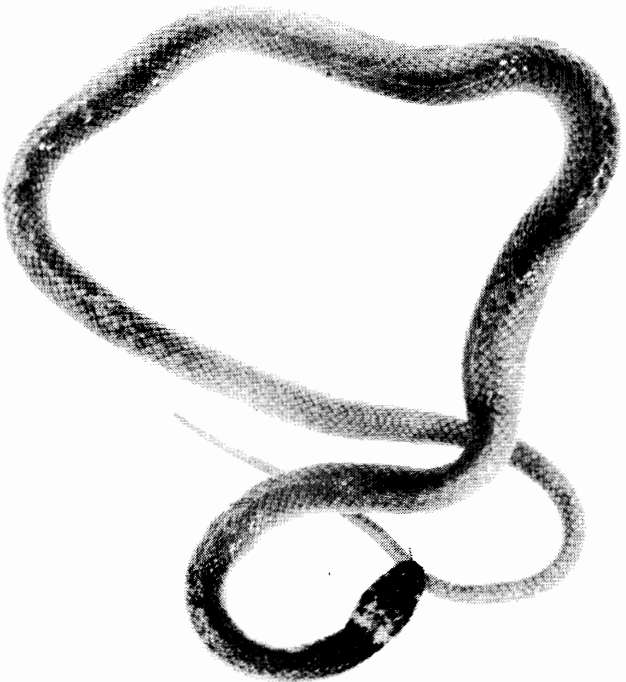
Est. II — 1 — Espécime melânico de *Oxyrhopus melanogenys orientalis* sbsp. nov. 2 — Espécime melânico com ausência de faixas dorsais de *O. m. orientalis* sbsp. nov.



Est. III — 1 — Espécime de *Oxyrhopus formosus* do leste do Pará. 2 — Espécime de *Oxyrhopus petola digitalis* do leste do Pará.



1

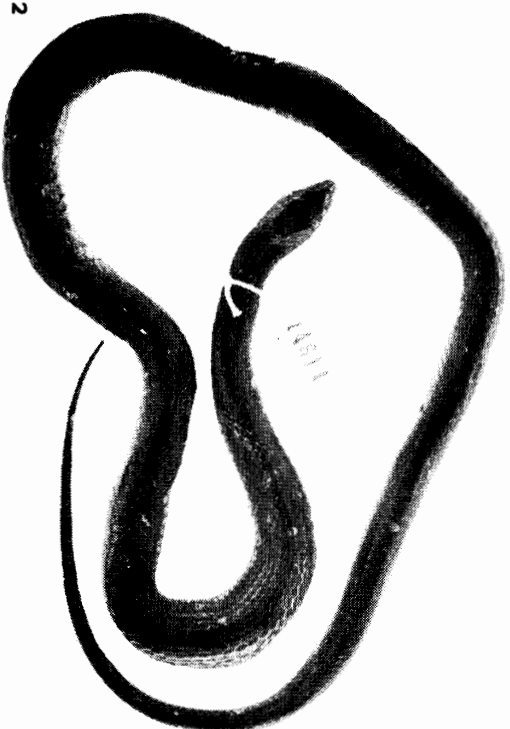


2

Est. IV — 1 — Espécime de *Oxyrhopus trigeminus trigeminus* dos cerrados do Maranhão. 2 — Espécime de *Pseudoboa coronata* do lesta do Pará



1



2

Est. V — 1 — Espécime de *Pseudoboa nigra* dos cerrados do Maranhão, apresentando manchas brancas no dorso. 2 — Espécime de *Pseudoboa nigra* do Maranhão, mostrando o aspecto típico da espécie.